



## Contribuições da Enfermagem na Detecção Precoce do Transtorno do Espectro Autista na Infância

Joyce Kelly Freitas de Oliveira Gomes<sup>1</sup>; Emanuely Real Alves<sup>2</sup>;  
Viviane Amaral Toledo Coelho<sup>3</sup>; Ednardo de Souza Nascimento<sup>4</sup>;  
Creonice Santos Bigatello<sup>5</sup>; Antônio Paulo Dumont Bigatello<sup>6</sup>;

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico que pode ser identificado precocemente na infância, sendo a detecção antecipada essencial para favorecer intervenções oportunas. O enfermeiro desempenha papel relevante na Atenção Primária à Saúde, atuando no acompanhamento do desenvolvimento infantil e na orientação às famílias. Trata-se de um estudo bibliográfico, descritivo, baseado em revisão narrativa da literatura, com publicações entre 2019 e 2026, em português e inglês, localizadas nas bases SciELO, PubMed e Google Acadêmico, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde. Os achados evidenciam que a atuação do enfermeiro contribui para a identificação precoce do TEA e para o encaminhamento adequado, destacando a importância da capacitação profissional para um cuidado integral e humanizado.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Enfermagem. Diagnóstico precoce. Atenção Primária à Saúde.

<sup>1</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: joy.jk2.oli@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: emanuelyenfermagem@gmail.com;

<sup>3</sup> Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: vivianeatc@yahoo.com.br;

<sup>4</sup> Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFAUNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: ednardonardim@hotmail.com;

<sup>5</sup> Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA- UNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: keusantosrubim@yahoo.com.br

<sup>6</sup> Docência em Ensino Superior pela Universidade Presidente Antônio Carlos, ALFA- UNIPAC, Almenara - Minas Gerais. E-mail: paulobigatelo@yahoo.com.

## Nursing Contributions to the Early Detection of Autism Spectrum Disorder in Childhood

**Abstract:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that can be identified in early childhood, and early detection is essential to promote timely interventions. Nurses play a significant role in Primary Health Care by monitoring child development and providing guidance to families. This descriptive bibliographic study is based on a narrative literature review of publications from 2019 to 2026, in Portuguese and English, retrieved from the SciELO, PubMed, and Google Scholar databases, as well as official documents from the Brazilian Ministry of Health. The findings indicate that nursing practice contributes to the early identification of ASD and appropriate referral, highlighting the importance of professional training to ensure comprehensive and patient-centered care.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Nursing. Early diagnosis. Primary Health Care.

### Introdução

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5, o transtorno do espectro do autismo (TEA) é um distúrbio neurológico caracterizado por comprometimento da interação social, da comunicação verbal e não verbal, além de comportamento restrito e repetitivo e uso precoce da imaginação. Esses aspectos podem ser percebidos e diagnosticados já nos primeiros meses de vida (American Psychiatric Association, 2014).

Em estudo realizado pelo Centers for *Disease Control and Prevention* (CDC) em 2022, a prevalência do TEA nos Estados Unidos foi de que 1 a cada 31 crianças de 8 anos (3,22% da população), um aumento em relação a levantamentos anteriores, que indicavam 1 a cada 36 crianças com TEA. O estudo ainda evidenciou que o autismo ocorre em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos, mas são mais prevalentes em meninos. (Shaw *et al.*, 2025).

No Brasil, o Censo de 2022 do IBGE incluiu pela primeira vez perguntas relacionadas ao autismo, trazendo dados oficiais sobre o tema. O levantamento identificou aproximadamente 2,4 milhões de pessoas com TEA, o que corresponde a 1,2% da população brasileira. A maior prevalência foi observada em crianças de 5 a 9 anos (2,6%), o que revela a necessidade de ampliar o diagnóstico precoce para garantir um desenvolvimento mais saudável e seguro dentro das limitações impostas pelo transtorno (IBGE, 2022).

O diagnóstico clínico do TEA é caracterizado por sinais e sintomas presentes de forma precoce no desenvolvimento infantil, sendo realizado por meio da análise da conduta da criança, entrevistas com os pais e aplicação de instrumentos validados que auxiliam o profissional a traçar um perfil detalhado das características do desenvolvimento. O transtorno apresenta graus diferenciados, que variam do leve ao mais grave, mas todos estão associados a dificuldades de comunicação e relacionamento social. Quando detectado precocemente, é possível minimizar riscos de agravamento e favorecer a promoção da independência, facilitando a adaptação da criança ao transtorno (Araújo, *et al.*, 2019).

A Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS reforça que a detecção precoce é um dever do Estado, em articulação com a Atenção Primária à Saúde (APS), contemplando ações de prevenção de agravos, promoção e proteção à saúde e atenção integral (BRASIL, 2015). Nesse contexto, as diretrizes do SUS indicam a necessidade de políticas públicas voltadas à prevenção e intervenções para crianças em situação de risco e vulnerabilidade, como no caso das que apresentam TEA, já que alterações nos padrões de interação e comunicação podem comprometer o desenvolvimento.

O enfermeiro é responsável por acompanhar o crescimento e o desenvolvimento saudável da criança por meio de ações de promoção, prevenção e assistência, incluindo as consultas de puericultura instituídas pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), estabelecida pela Portaria nº 1.130 de 5 de agosto de 2015, que prevê a avaliação do desenvolvimento infantil e a observação de sinais de alerta (Brasil, 2015).

Assim, este estudo tem por finalidade discutir a atuação do enfermeiro na assistência à criança autista, avaliando a importância desse profissional na consulta de enfermagem, e também nas orientações e apoio familiar, delineando o papel do enfermeiro na detecção precoce e na assistência a crianças com TEA.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo bibliográfico, de caráter descritivo, desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura. A pesquisa foi fundamentada em artigos científicos e documentos oficiais que abordam a detecção precoce do transtorno do espectro autista e a atuação do enfermeiro no cuidado e acompanhamento de crianças com TEA.

Os estudos analisados foram selecionados a partir de buscas realizadas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Pubmed*, Google Acadêmico e em bases institucionais do Ministério da Saúde, considerando publicações no período de 2019 a 2026.

Foram escolhidos artigos em português ou inglês, com acesso gratuito ao texto integral e que abordassem de maneira direta a atuação da enfermagem no processo de detecção precoce, assistência, acompanhamento ou suporte às famílias de crianças com TEA. Excluíram-se materiais duplicados, estudos indisponíveis na íntegra e produções que não atendiam aos objetivos do trabalho.

A construção da revisão ocorreu a partir de etapas previamente planejadas: formulação da questão orientadora, definição dos critérios de inclusão e exclusão, escolha das bases de dados, realização das buscas, triagem dos estudos encontrados, leitura crítica e, por fim, síntese dos resultados. A pergunta norteadora foi estabelecida considerando a importância crescente da detecção precoce do TEA e o papel estratégico do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde.

Os artigos selecionados passaram por leitura completa, categorização conforme suas contribuições e posterior síntese descritiva. Esse processo de análise possibilitou identificar os principais eixos que caracterizam a atuação do enfermeiro na identificação precoce do TEA, bem como nas práticas de cuidado integral direcionadas à criança e sua família.

## **Aspectos históricos e conceitos de autismo**

Em 1911 o psiquiatra Eugen Bleuler, cunhou o termo autismo para descrever sintomas de esquizofrenia e surtos psicóticos, referindo-se ao isolamento social e a fuga da realidade para um mundo interior. Bleuler não definiu o autismo, mas considerava que o autismo era um sintoma característico da doença, e por muitos anos esse equívoco persistiu, até surgirem novos estudos científicos. (Rein, 2022).

Somente em 1943, Leo Kanner que descreveu um grupo de 11 crianças com o que chamou de distúrbios autísticos inatos do contato afetivo, percebendo dificuldades nas relações afetivas e prejuízos relacionados ao desenvolvimento, definiu o que hoje conhecemos como autismo. E posteriormente essa definição foi incorporada ao DSM em 1952, mas não como um transtorno distinto e sim como um sintoma ou tipo de reação esquizofrênica, apenas em 2013, no DSM-5, o diagnóstico se transforma em Transtorno do Espectro Autismo de forma isolada (Amaral, et al., 2024).

Nas primeiras décadas de estudo sobre o autismo, o transtorno era frequentemente confundido com esquizofrenia ou deficiência intelectual, o que levava à responsabilização injusta das mães, muitas vezes retratadas como emocionalmente frias ou incapazes de oferecer afeto. Nesse contexto marcado por preconceitos, muitas pessoas consideradas “indesejadas”, incluindo indivíduos autistas, eram internadas de forma compulsória e submetidas a intervenções extremamente agressivas, como eletroconvulsoterapia indiscriminada, lobotomias, trabalho forçado e banhos gelados, práticas hoje reconhecidas como violações graves de direitos humanos.

No Brasil, avanços concretos na garantia de direitos às pessoas autistas ocorreram somente a partir do século XXI, com marcos legais como a Lei Berenice Piana, a Lei Brasileira de Inclusão e a Lei Romeo Mion, que reconheceram o autismo como deficiência, asseguraram proteção legal e ampliaram o acesso a serviços e políticas públicas específicas (Donato et al., 2024).

## **Diagnóstico do TEA**

O autismo é um transtorno de difícil diagnóstico, pois manifesta-se de maneira distinta em cada indivíduo, o que pode dificultar e atrasar a assistência prestada à pessoa autista. Os sintomas geralmente podem ser identificados antes dos três anos de idade e incluem déficit na comunicação, alterações comportamentais, prejuízos na interação social, interesses restritos e repetitivos, além de dificuldades relacionadas à mudança de rotina. Contudo, a presença, a intensidade e a forma como esses sinais se expressam variam conforme a individualidade da criança e o nível do Transtorno do Espectro Autista (TEA). (Silva et al., 2021).

O diagnóstico pode ser diferenciado em níveis de suporte, baseado na *Childhood Autism Rating Scale* (CARS). Os níveis descritos são: nível 1 de suporte (autismo leve), nível 2 de suporte (autismo moderado) e nível 3 de suporte (autismo severo). Cada nível apresenta suas especificidades, sendo o nível 1 caracterizado por estereotípias presentes, porém com maior flexibilidade comportamental, sinais e sintomas mais sutis e maior autonomia funcional. Já nos níveis 2 e 3, o transtorno torna-se mais evidente, com manifestações mais intensas, maior necessidade de apoio contínuo, dificuldades acentuadas de adaptação e maiores desafios nas interações sociais (Faria. Borda, 2024).

Recomenda-se, conforme orientações do relatório da *American Academy of Pediatrics* (AAP, 2020), que todas as crianças sejam avaliadas rotineiramente para a detecção do

Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente nas consultas realizadas entre os 18 e 24 meses. Essa triagem antecipada contribui para identificar possíveis atrasos no desenvolvimento, como dificuldades na linguagem, na cognição e na motricidade, permitindo reconhecer precocemente sinais de risco e iniciar intervenções capazes de melhorar os desfechos clínicos e funcionais da criança.

Para a confirmação diagnóstica, é necessário reunir múltiplas formas de informação, incluindo a observação do comportamento, os relatos de pais e cuidadores, o histórico de desenvolvimento, as condições sociais e familiares, além de exame físico e análise clínica minuciosa. A AAP enfatiza que a avaliação conduzida por diferentes profissionais e o início precoce das intervenções são determinantes para favorecer o progresso global da criança com TEA. (Hyman; Levy; Myers, 2020).

### **Atuação do enfermeiro através da puericultura na identificação precoce do TEA**

O enfermeiro mantém uma interação contínua com o paciente e desempenha papel essencial na comunicação dentro da equipe de saúde, contribuindo para um cuidado mais humanizado e alinhado às necessidades individuais de cada pessoa que vai além das técnicas, e permite uma relação entre o profissional e paciente durante o cuidado. (Baek, et al., 2023)

Nesse sentido, a equipe de enfermagem é capaz e pode acompanhar o crescimento e desenvolvimento de uma criança através de ações de prevenção e promoção de saúde, e com contato direto e constante, identifica os sinais precoces no atraso do desenvolvimento, que podem indicar TEA, e mantém comunicação e orientação com a família para intervenções adequadas capazes de proporcionar uma melhor qualidade de vida para a criança autista.

Nas unidades básicas de saúde, o enfermeiro pode realizar a vigilância do desenvolvimento infantil desde o pré-natal, nascimento e crescimento, através das consultas de puericultura que são oferecidas pelo sistema único de saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). Por meio dessas consultas, o profissional de enfermagem pode atuar na triagem, observação da criança e escuta ativa dos pais para a identificação precoce dos sinais de autismo, que são possíveis de identificar a partir dos seis meses de vida. (Medeiros, et al., 2023).

Segundo as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, de 2014 do Ministério da Saúde, o enfermeiro precisa desenvolver competências específicas para identificar precocemente os sinais de autismo em crianças. É necessário dispor um olhar clínico para a criança durante o acompanhamento do seu desenvolvimento infantil,

reconhecendo os sinais de alerta por faixa etária, realizar entrevistas qualificadas com pais e cuidadores, trabalhar em conjunto com a equipe multiprofissional para uma avaliação mais qualificada e especializada, aplicar instrumentos auxiliares na triagem como IRDI(Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) e M-CHAT (*Modified Checklist for Autism in Toddlers*), disponibilizados na atenção básica, bem como a capacidade de observar comportamentos atípicos relacionados à interação social, comunicação e padrões repetitivos.

### **Atuação do enfermeiro na assistência a crianças com autismo e sua família**

O enfermeiro desempenha um papel assistencial, e quanto ao diagnóstico do TEA, além de contribuir para a detecção precoce do autismo infantil, o profissional deve considerar o impacto do espectro na dinâmica familiar. Com o diagnóstico podem surgir na família sentimentos de medo, culpa, necessidades de ajustar as expectativas quanto a criança e lidar com a incerteza em relação ao desenvolvimento e futuro da criança. Além disso, esse impacto demanda inúmeras descobertas, planejamentos, cuidados e adaptações por parte da família para promover um acolhimento da pessoa autista (Luz; Pagotto; Pinto,2024)

Com o enfrentamento desses desafios, os pais ou cuidadores se sentem sobrecarregados com os cuidados da criança e com as diversas singularidades da doença que necessitam de adaptações, e com isso há o risco de desenvolvimento de exaustão, estresse, ansiedade e depressão. Outro ponto, é o estigma envolta da doença, capaz de causar isolamento social, desconexão com sua comunidade e a falta de compreensão e apoio por parte de outras pessoas (Luz; Pagotto; Pinto,2024)

Em suma, o profissional de enfermagem, desempenha um papel no auxílio desses pais, traçando uma estratégia familiar, com orientações, esclarecimentos de dúvidas, apoio integral, ações de educação em saúde que serão capazes de contribuir e fortalecer os laços da família, e ajudar no desenvolvimento infantil da criança autista, respeitando sua individualidade.

Dessa forma, o enfermeiro deve ter competência e conhecimento sobre o TEA, para assim, fornecer capacitação para os pais a tomar decisões assertivas sobre o cuidado de filhos com o espectro. No contexto brasileiro, a detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista ainda enfrenta dificuldades estruturais importantes, especialmente na Atenção Básica, onde a insuficiente capacitação dos profissionais compromete a identificação dos sinais iniciais, prejudica a realização de triagens adequadas e atrasa o encaminhamento para avaliação

especializada, resultando em diagnóstico tardio e menor efetividade das intervenções precoces (Prando; Leão, 2025).

## Resultados e Discussão

**Tabela 1** – Artigos que compuseram a presente Revisão Integrativa.

|    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1  | AMARAL, A. M. R.; NASCIMENTO, B. G.; BORGES, O. E. Abordagem de enfermagem ao paciente com transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura. <i>Revista Saúde dos Vales</i> , v. 11, n. 1, 2024.                                                                                           |
| 2  | BAEK, H. et al. Nursing teamwork is essential in promoting patient-centered care: a cross-sectional study. <i>BMC Nursing</i> , v. 22, p. 433, 2023. DOI: <a href="https://doi.org/10.1186/s12912-023-01592-3">https://doi.org/10.1186/s12912-023-01592-3</a> .                                     |
| 3  | DONATO, M. E. N. N. et al. Transtorno do espectro autista (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito social. <i>Anais do DEDC XII</i> , v. 1, n. 1, 2024.                                                                                                                                        |
| 4  | FARIA, M. E. V.; BORBA, M. G. S. Autismo: sinais, níveis de suporte e diagnóstico. <i>Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação</i> , v. 10, n. 6, p. 4100-4112, 2024. DOI: <a href="https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14706">https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14706</a> . |
| 5  | HYMAN, S. L.; LEVY, S. E.; MYERS, S. M. Identification, evaluation, and management of children with autism spectrum disorder. <i>Pediatrics</i> , v. 145, n. 1, p. e20193447, 2020.                                                                                                                 |
| 6  | LUZ, J. A. et al. O enfermeiro no apoio aos pais de crianças com TEA. <i>Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação</i> , v. 10, n. 11, p. 8175-8189, 2024. DOI: <a href="https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.17262">https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.17262</a> .           |
| 7  | MEDEIROS, D. A. et al. O papel do enfermeiro na triagem do transtorno do espectro autista. <i>Revista Acervo Mais em Saúde</i> , v. 13, n. 6, p. 1-8, 2023.                                                                                                                                         |
| 8  | PRANDO, M. L. C.; LEÃO, K. A. TEA e diagnóstico precoce no Brasil. <i>RECIMA21</i> , v. 6, n. 6, 2025. DOI: <a href="https://doi.org/10.47820/recima21.v6i6.6539">https://doi.org/10.47820/recima21.v6i6.6539</a> .                                                                                 |
| 9  | REIN. Transtorno do espectro autista: um breve histórico. <i>Revista REIN</i> , v. 1, n. 1, 2022.                                                                                                                                                                                                   |
| 10 | SILVA, S. A. S. et al. Assistência de enfermagem a pacientes com transtorno do espectro autista. <i>Revista Mineira de Ciências da Saúde</i> , n. 8, p. 31-42, 2021.                                                                                                                                |

Fonte: Dados do Estudo.

A pesquisa evidenciou que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno de difícil diagnóstico, uma vez que se manifesta de maneira distinta em cada indivíduo, o que pode dificultar tanto a detecção precoce quanto a assistência prestada. Nesse contexto, torna-se necessária uma abordagem rotineira, realizada de forma humanizada e atenta aos sinais de alerta apresentados pela criança. Para um diagnóstico mais preciso, é fundamental

reunir múltiplas formas de observação do comportamento, além da realização de entrevista com os pais ou responsáveis, levantamento do histórico do desenvolvimento, exame físico e avaliação clínica. Esse processo deve ser conduzido não apenas pelo enfermeiro, mas também por uma equipe multiprofissional, garantindo uma avaliação mais completa e integrada, conforme destacado no estudo de Hyman, Levy e Myers (2020).

Nesse sentido, o estudo realizado por Luz, Pagotto e Pinto (2024) evidencia que o enfermeiro desempenha um papel fundamental na detecção precoce do autismo infantil. Além de contribuir para a identificação dos sinais iniciais do transtorno, esse profissional também atua como orientador da família, auxiliando pais ou responsáveis no enfrentamento das adaptações, dúvidas e medos que podem surgir durante o processo diagnóstico e ao longo do cuidado. Dessa forma, destaca-se que a atuação do enfermeiro vai além da identificação do transtorno, envolvendo também o desenvolvimento de estratégias de apoio familiar que favoreçam o cuidado e o desenvolvimento da criança com autismo, sempre respeitando suas particularidades e individualidades.

Sob essa perspectiva, Baek et al, (2023) afirmam que, entre os profissionais de saúde, o enfermeiro é aquele que estabelece maior vínculo com o paciente, desempenhando papel fundamental na comunicação entre a equipe multiprofissional e o usuário. Tal proximidade possibilita a oferta de um cuidado mais humanizado e voltado às individualidades, contribuindo para a detecção precoce dos sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na infância, bem como para o acompanhamento da criança e de sua família ao longo do processo de cuidado.

Infere-se, portanto, que a equipe de enfermagem, por manter contato direto e contínuo com os pacientes, apresenta papel essencial na identificação precoce de sinais de atraso no desenvolvimento infantil. Além disso, atua no apoio à família e no desenvolvimento de ações de promoção, prevenção e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças atendidas.

Em conformidade, o estudo de Medeiros et al, (2023) estabelece que o enfermeiro pode atuar desde o pré-natal até o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança, por meio, principalmente, das consultas de puericultura preconizadas pelo Ministério da Saúde na Atenção Básica. Nesse contexto, o profissional realiza triagens e acompanha o desenvolvimento infantil, observando os marcos do desenvolvimento, bem como aspectos relacionados à interação social, comunicação e presença de padrões comportamentais repetitivos.

Além disso, conforme Ferreira et al. (2026), o Ministério da Saúde disponibiliza instrumentos de triagem que contribuem para uma avaliação diagnóstica mais precisa e para a adequada classificação dos casos, como o IRDI (Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil), voltado à identificação precoce de sinais de risco no desenvolvimento, e o M-CHAT (*Modified Checklist for Autism in Toddlers*), utilizado para rastreamento de sinais indicativos de Transtorno do Espectro Autista em crianças pequenas. Contudo, observa-se que muitos profissionais ainda se baseiam exclusivamente nos marcos do desenvolvimento para a identificação de sinais de risco, o que pode comprometer a fidedignidade da avaliação, tendo em vista que o autismo se manifesta de forma heterogênea em cada indivíduo.

No que se refere ao auxílio à família, segundo Paiva et al. (2025), o enfermeiro desempenha papel fundamental no acolhimento dos familiares, buscando compreender suas dúvidas, angústias e sentimentos diante do diagnóstico. Além disso, atua na elaboração de um plano de cuidado que auxilie no enfrentamento das mudanças e adaptações decorrentes dessa condição. Os autores também destacam a importância da criação de grupos de convivência entre mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista, favorecendo a troca de experiências, o fortalecimento emocional e o apoio mútuo.

Contudo, alguns estudos, como o de Prando e Leão (2025), evidenciam que os profissionais de enfermagem ainda enfrentam dificuldades na assistência às crianças com Transtorno do Espectro Autista, principalmente no contexto da Atenção Primária à Saúde (APS). Essas dificuldades estão relacionadas, em muitos casos, à falta de capacitação profissional, à ausência de métodos e instrumentos de triagem adequados e à limitação de conhecimentos específicos sobre os sinais iniciais do transtorno. Como consequência, esses fatores podem atrasar o encaminhamento da criança para avaliação especializada e a identificação precoce dos sinais de alerta, contribuindo para a ocorrência de diagnósticos tardios e reduzindo a efetividade das intervenções precoces.

Corroborando esses achados, Oliveira et al, (2022) apontam que as dificuldades enfrentadas pelos profissionais também estão relacionadas à escassez de projetos científicos voltados para a orientação desses trabalhadores, bem como à falta de investimentos em serviços e estratégias específicas para o atendimento dessa demanda.

Diante desse cenário, a capacitação profissional torna-se fundamental para garantir uma assistência de qualidade. Nesse contexto, é necessário que os enfermeiros estejam preparados para identificar precocemente os sinais do Transtorno do Espectro Autista, reconhecer os marcos do desenvolvimento de acordo com a idade da criança e orientar pais e

responsáveis quanto às dúvidas que possam surgir durante esse processo. Além disso, o enfermeiro pode atuar como um importante suporte para a família no processo de aceitação do diagnóstico e nas adaptações necessárias para promover o bem-estar da criança. Destaca-se também a importância da atuação integrada com a equipe multiprofissional, favorecendo um cuidado mais abrangente e integral, voltado tanto para a criança com autismo quanto para sua família (Viana, et al., 2025).

### **Considerações Finais**

Após a análise dos estudos, é possível concluir que a enfermagem desempenha papel fundamental na detecção do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na infância, uma vez que o paciente geralmente mantém maior vínculo com os profissionais de enfermagem. Nesse contexto, por meio da consulta de enfermagem e da utilização de instrumentos de triagem específicos, torna-se possível identificar sinais de alerta precocemente e, assim, realizar o encaminhamento adequado para avaliação por profissionais especializados.

Contudo, os estudos analisados também demonstraram que, apesar da importância do conhecimento sobre o autismo, especialmente na infância, ainda há insuficiente capacitação dos profissionais de saúde nessa temática. Essa lacuna compromete a identificação dos sinais iniciais do transtorno, dificulta a realização de triagens adequadas e pode retardar o encaminhamento para avaliação especializada, resultando em diagnóstico tardio e, conseqüentemente, menor efetividade das intervenções precoces.

Diante dessa realidade, evidencia-se a necessidade de maior capacitação dos enfermeiros nesta área, de modo que esses profissionais possam oferecer assistência mais qualificada às crianças com TEA, bem como suporte adequado às suas famílias. Nesse sentido, estratégias de educação permanente e capacitações promovidas pelo Ministério da Saúde tornam-se fundamentais, considerando a relevância do tema e o aumento do número de diagnósticos de TEA. Dessa forma, a qualificação profissional contribui para a detecção precoce e para a promoção de melhor qualidade de vida às crianças e suas famílias.

## Referências

AMARAL, A. M. R.; NASCIMENTO, B. G.; BORGES, O. E. Abordagem de enfermagem ao paciente com transtorno do espectro autista: uma revisão de literatura. **Revista Saúde dos Vales**, v. 11, n. 1, 2024.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Identification, evaluation, and management of children with autism spectrum disorder. **Pediatrics**, v. 145, n. 1, p. e20193447, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAUJO, C. M. et al. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, v. 1, n. 3, p. 31-35, 2019. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br>. Acesso em: 1 set. 2025.

BAEK, H. et al. Nursing teamwork is essential in promoting patient-centered care: a cross-sectional study. **BMC Nursing**, v. 22, p. 433, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-023-01592-3>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br>. Acesso em: 7 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 149, p. 37, 7 ago. 2015.

DONATO, M. E. N. N. et al. Transtorno do espectro autista (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito social. **Anais do DEDC XII**, v. 1, n. 1, 2024.

FARIA, M. E. V.; BORBA, M. G. S. Autismo: sinais, níveis de suporte e diagnóstico. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 4100-4112, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14706>.

FERREIRA, F. V. M. et al. Assistência de enfermagem à criança com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 3, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v12i3.24520>.

HYMAN, S. L.; LEVY, S. E.; MYERS, S. M. Identification, evaluation, and management of children with autism spectrum disorder. **Pediatrics**, v. 145, n. 1, p. e20193447, 2020.

IBGE. **Censo demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas com transtorno do espectro autista**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LUZ, J. A. et al. O enfermeiro no apoio aos pais de crianças com TEA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 8175-8189, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.17262>.

MEDEIROS, D. A. et al. O papel do enfermeiro na triagem do transtorno do espectro autista. **Revista Acervo Mais em Saúde**, v. 13, n. 6, p. 1-8, 2023.

OLIVEIRA, G. S. et al. Conduta do enfermeiro no atendimento e acompanhamento de crianças com TEA. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 12, p. 80459-80472, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n12-242>.

PAIVA, H. S. et al. Intervenções do enfermeiro para crianças e familiares com TEA. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 16, n. 3, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21727/rpu.v16iEspecial.3875>.

PRANDO, M. L. C.; LEÃO, K. A. TEA e diagnóstico precoce no Brasil. **RECIMA21**, v. 6, n. 6, 2025. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v6i6.6539>.

REIN. Transtorno do espectro autista: um breve histórico. *Revista REIN*, v. 1, n. 1, 2022.

SHAW, K. A. et al. Prevalência e identificação precoce do transtorno do espectro autista. **MMWR Surveillance Summaries**, v. 74, n. SS-2, p. 1-22, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7402a1>.

SILVA, S. A. S. et al. Assistência de enfermagem a pacientes com transtorno do espectro autista. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, n. 8, p. 31-42, 2021.

VIANA, M. E. A. et al. A importância do diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 5, p. 2641-2650, 2025. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i5.19148>.

●

Recebido: 10/04/2026; Aceito: 18/04/2026; Publicado: 31/07/2026